



13ª REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPES

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1528 - Trabalho Completo - 13ª Reunião Científica Regional da ANPES-Sudeste (2018)
GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

EDUCAÇÃO E CANDOMBLÉ: PERSPECTIVAS DE LINGUAGEM DA NAÇÃO AMBUNDO NA RELIGIOSIDADE AFROBRASILEIRA DA REGIÃO SUDESTE
Jeusamir Alves da Silva (Tata Ananguê) - UERJ - FEBF - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O objetivo principal deste trabalho é divulgar o resultado das pesquisas sobre o Candomblé Banto da Nação Ambundo (*Mbundu*), de forma a preservá-lo mediante sua inclusão no ensino brasileiro. Através de pesquisa dos vocábulos da língua Quimbundo que fazem parte da construção da nossa língua, estudou-se alguns terreiros tradicionais de Candomblé Banto da região sudeste. A justificativa dá-se pelo fato de ainda ter-se poucas informações sobre as interfaces do Candomblé Banto, mesmo tendo sido os Bantos os primeiros aqui introduzidos pelo processo escravagista, nos meados do século XVI, formando a partir do Calundu o Candomblé. Utilizou-se a metodologia de observação participante, e entrevistas com dirigentes de casas de Candomblés Bantos, cujos depoimentos comprovaram a sua existência e prática constante. Somou-se a essa sabedoria o resultado de uma revisão literária de autores encontrados ao longo do texto. Espera-se que este trabalho venha despertar o interesse dos sacerdotes bantos, em abrir suas portas para novas pesquisas transformando assim, os terreiros bantos e as universidades, em uma via de mão dupla, na implementação da lei 10.639/2003/PR, que obriga o ensino da História do negro na África e no Brasil nas escolas.

Palavras chave: Candomblé. Quimbundo. Inclusão. Educação.

EDUCAÇÃO E CANDOMBLÉ: PERSPECTIVAS DE LINGUAGEM DA NAÇÃO AMBUNDO NA RELIGIOSIDADE AFROBRASILEIRA DA REGIÃO SUDESTE

Resumo:

O objetivo principal deste trabalho é divulgar o resultado das pesquisas sobre o Candomblé Banto da Nação Ambundo (*Mbundu*), para conhecê-lo e melhor entendê-lo, de forma a preservá-lo mediante sua inclusão no ensino brasileiro. Resultado esse, atingido através de pesquisas dos vocábulos da língua Quimbundo que fazem parte da construção da nossa língua. Cabe aqui frisar, que outrora tais vocábulos foram traduzidos para o Português, pelos missionários capuchinhos e jesuítas de *Ambaka*, durante a colonização européia, na parte centro ocidental do continente africano. Logo, muitos negros bantos, já chegaram aqui escrevendo e falando fluentemente o português. Como objeto da pesquisa buscou-se alguns terreiros tradicionais de Candomblé Banto da região sudeste. A justificativa dá-se pelo fato de ainda ter-se poucas informações sobre as várias interfaces do Candomblé Banto, mesmo tendo sido esses os primeiros aqui introduzidos pelo processo escravagista, nos meados do século XVI, dando formação a partir do Calundu ao atual Candomblé. Utilizou-se a metodologia de observação participante, e entrevistas com dirigentes de casas de Candomblés Bantos, cujos depoimentos comprovaram a sua existência e prática constante na região pesquisada. Somou-se a essa sabedoria o resultado de uma revisão literária de autores encontrados ao longo do texto. Pensando no emprego da Informação, através da Educação para combater o preconceito, e a discriminação espera-se que este trabalho venha despertar o interesse dos sacerdotes bantos, em abrir suas portas para novas pesquisas transformando assim, os terreiros bantos e as universidades, em uma via de mão dupla, na implementação da lei 10.639/2003/PR, que obriga o ensino da História do Negro na África e no Brasil, no ensino brasileiro. Dessa forma, poder-se-á pensar num futuro próximo, encaminhamentos no que tange a construção de mecanismos para a capacitação, instrumentalização e formação de professores na temática.

Palavras chave: Candomblé. Quimbundo. Inclusão. Educação.

Introdução

Segundo Ângelo, (2013) é no país Angola, que localiza-se a Nação Ambundo (*Ambundu ou Mbundu*) que fala o Quimbundo (*Kimbundu*), que é uma língua Bantu pertencente ao grupo proto-banto, e que ao chegar aqui, em meados do século XVI, como a primeira vertente negra trazida para o trabalho indiano, legou-nos o seu contexto imaterial, o qual a partir do Calundu transformou-se em uma das maiores formas de resistência ao jugo do colonizador. Fala-se daquilo que hoje intitula-se Candomblé.

Para Adolfo, (2010) faz-se necessário esclarecer o engano, quando denomina-se a Nação de Candomblé pelo nome do país e não pelas etnias, circunscritas no mesmo, haja vista ser comum encontrar na maioria dos países bantos, várias nações (etnias) distintas. Então, ele sugere referir-se, aqui, especificamente, como Candomblé de Nação Ambundo, que é aquele que fala a língua Banto-Quimbundo da etnia Ambundo que é uma das nove Nações, pertencentes ao país Angola.

Estando o Candomblé da Nação Ambundo amparado na oralidade, procurou-se, também, fazer dela nosso instrumento de trabalho, recorrendo a relatos via internet, através das redes sociais e outros meios como sites, blogs, entre outros. Somou-se a essa metodologia o embasamento das entrevistas sacerdotais, observações participativas, e as referências teóricas de autores, que serão encontrados ao longo do texto.

Desenvolvimento

Arrancada de seus Reinos na Mãe África e introduzida no Brasil pelo processo colonial escravista, divide-se a população negra em três vertentes: a primeira vertente negra a ser trazida, no século XVI, também para Mott, (1997) foi a dos bantos provenientes da África Centro Ocidental, região subsaariana abaixo da linha do Equador. Figueiredo, (2004) explica que o negro banto aqui chegado, foi direcionado principalmente, para as lavouras de cana de açúcar, milho, mandioca, café e algodão, no Rio de Janeiro e São Paulo, e em menores proporções, por todo o Brasil.

Já Prandi, (1991), afirma que a segunda vertente negra foi a dos *Fon*, oriundos do território onde o *Benim* situa-se e que era ocupado no período pré-colonial por pequenas monarquias tribais, das quais a mais poderosa foi a do reinado *Fon de Daomé*. Os portugueses estabeleceram entrepostos no litoral, conhecido então como *Costa dos Escravos*. Os negros capturados eram vendidos no Brasil no *Caribe*. Introduzidos no Brasil em meados do século XVII e XIX, inicialmente nos mercados de escravos na Bahia e de lá se espalharam pelo recôncavo baiano e, posteriormente por todo o território brasileiro. A terceira vertente, os *Yoruba* que vieram do *Togo*, *Nigéria* e *Benin*, já no século XVIII, época da descoberta do ouro, em Minas Gerais.

Então, explicitada essa ordem de chegada, cabe agora iniciar o recorte já enunciado no resumo, sobre o Candomblé de Nação Ambundo, por meio de uma das formas mais importantes, que é a sua linguagem. Obviamente, várias nações de línguas bantas vieram para o Brasil, para o trabalho indiano, porém, de acordo com Ribas (1958), a religiosidade e a língua dos ambundos foram predominantes, devido ao maior número de escravos dessa nação, aqui introduzidos.

Em Angola, além do Português que é a língua oficial, são faladas nove línguas referentes às nove nações existentes em Angola. Ver quadro 1. De acordo com Silva (2006), a Nação *Mbundu* ou *Ambundu* (Ambundo), alvo em questão, fala a língua *Kimbundu*; (Quimbundo) que reparte-se em 11 subgrupos, a saber: *Ngola: Dembo*;

Jinga; Bondo; Bangala, Songo; Ibaco; Luanda; Kibala; Libolo e Kissama

Segundo Maia, (1961), missionário secular da Arquidiocese de Luanda – Angola, o Quimbundo, à semelhança das outras línguas bantas, não tem tradição escrita. Os primeiros a escrevê-la foram os missionários capuchinhos e jesuítas de *Ambaka*. A finalidade foi a de ensinar a língua portuguesa e o catecismo aos africanos. Foram eles que introduziram os princípios ortográficos ainda hoje em vigor, bem como, as classes dos prefixos nominais, prefixos concordantes e partículas possessivas no Quimbundo. Nas línguas bantas os nomes substantivos ordenam-se em classes ou grupos de acordo com os pares de prefixos que definem os singulares e plurais. O Quimbundo tem 10 classes nominais. Os prefixos nominais que designam a classe a que o nome pertence e o número em que se encontra, distinguem-se dos prefixos concordantes que serão enumerados segundo as classes e o número a que correspondem. Ver quadro 2.

Como descrita por Maia, (1961) a concordância é feita em Quimbundo, através do prefixo do substantivo que inicia a frase como sujeita. Exemplo *Kialu kiami kiakala kimoxi* = A minha cadeira era uma. *lalu iami ikala itatu*= As minhas cadeiras eram três. Ver prefixos concordantes no quadro 3. As partículas possessivas assinaladas nos exemplos acima (*kia*, *ia*), estão inseridas no quadro 4.

Outro ensinamento de Maia (1961, p.11):

A grafia do Quimbundo é sempre sônica. Todas as vogais são abertas. Antes de outras vogais o I e o U têm a função de semivogal, o M e, o N servem para nasalar. Daí vocábulos como Angola derivado de *Ngola* (rei) ou embondeiro derivado de *mbondo* (árvore). O H é sempre aspirado como *henda* (graça, misericórdia). O R é sempre brando e pode ser substituído por D, ou menos frequente por L, exemplo: *Kitari* ou *Kitadi* (dinheiro), *itadiu ritari* (pedra), *kudia* ou *kuria* (comer), kolombolo ou korombolo (galo). O K substitui o sempre o Q da língua portuguesa, bem como o C, antes de A, O e U. O G nunca tem o valor de J, mesmo antes de E ou J *Ndenge* (mais novo) e *ngingu* (trança) leêm-sendengue e *nguindu*. O som NH deve ser escrito como em Português, embora a quem escreva ni ou ny. Exemplo *klidikanda*, *dikania* ou *dkanya* (tabaco). Não se vê necessidade do emprego do Y em Quimbundo, embora alguns autores o usem enquanto prefixo para fazer plural de Ki.

Ainda em Maia (1961, p.11), vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

Nos textos a vírgula (,) corresponde ordinariamente a ponto e vírgula (;) separando significados. Exemplos: Dar empurrões; dar encontros, dádiva – *ujitu*; *futa*; *kilembu*, dança= *iele*; *makinumankembu*. O hífen (-), anteposto ao infinitivo dos verbos equivale ao prefixo (ku), que inicia sempre os verbos em Quimbundo no modo infinitivo, o que não acontece no Quicongo, com exceção dos verbos reflexivos. Exemplo: *-zuela* deve ler-se *kuzuela* (falar, dizer), no modo infinitivo. Os verbos substantivos, pelo contrário, já conservam sempre o radical anteposto de prefixo *ku*, por interpretarem substantivos portugueses. E isso, também, só em Quimbundo Exemplo: *Kutumaka* (obedecer). A letra S – soa sempre como Ç ou SS e nunca como Z. Tem ainda, o valor de X quando está diante de i. As consoantes d, g, j, z, b, v, quando iniciam substantivos, geralmente são sempre precedidas de n, ou m, e são pronunciadas em uma só emissão de voz, sendo inseparáveis na translineação.

De acordo com Ângelo (2013), na mitologia Banta da Nação Ambundo, as divindades primárias chamadas de *Mpango Bakuru*, são aquelas que participaram da cosmo gênese, isto é, da construção de todo o universo. Todavia, mesmo possuindo cultos e rituais específicos, não são iniciadas ou confirmadas nos seres humanos, não possuíram de modo algum, vida terrena, são constituídas por energias totalmente puras da natureza com alta gama de vibrações. São participantes diretas nos processos de criação, manutenção, transformações e degradações que finalizam o ciclo vital dos seres e que possuem importantes intervenções nos reinos minerais, vegetal, animal e em especial no hominal. São elas: **Divindades criadoras**, são aquelas que participam da criação do nosso universo e que são responsáveis por tudo que existe e habita nele. **Divindades mantenedoras** aquelas que têm como função principal, distribuir e zelar pela continuidade de toda criação atribuída no planeta procurando mantê-la em perfeito equilíbrio e harmonia, para que possa encontrar o continuísmo de sua existência mantendo a presença do poder divino em constante presença. **Divindades transformadoras** aquelas que têm ligação objetiva e direta com os seres humanos, atuando nos ciclos do nascer, crescer, viver, expandir, proliferar, aprender, envelhecer com sabedoria e experiência, permitindo a busca pela lapidação dos defeitos e aprimoramento da evolução da obra considerada da criação. **Divindades degradadoras** aquelas que estão associadas ao ciclo do **FIM**, a morte que pode ser entendida como um dos propósitos da transformação, mas, suas principais funções estão em receber os corpos ou outros materiais orgânicos na terra, onde atuarão na deterioração das matérias, se alimentando dos líquidos da putrefação, consumindo a carne dos corpos até só restarem o esqueleto e os cabelos que não são absorvidos pela decomposição, de modo que após certo tempo possam ser devolvidos para a superfície. **Divindades secundárias**. São aquelas iniciadas nos seres humanos. conhecidas na língua *Kimbundu* como *Akisi* (plural de *Mukisi*), cultuados em várias regiões onde se acham a presença de povos Bantos. Ancestralidades divinizadas que são os Tata Mane ou Mene **Ancestralidades encantadas** que são os caboclos. **Ancestralidades Consanguíneas**, representadas pelos nossos antepassados.

Conforme Hama, (1979), na maioria dos povos bantos a ideologia prega a crença na imortalidade do espírito. Para ele a morte não é um limite, um fim, e as gerações passadas não estão perdidas num tempo passado, mas continuam de alguma maneira, sempre presentes e tão ou mais influentes do que viviam. Dessa maneira, o passado por intermédio do culto, tem relação direta com o presente. Nessa relação os ancestrais participam como agentes em assuntos surgidos séculos depois de sua morte.

Em relação às máscaras, recentemente resgatadas pela tradicional oralidade banta, Carise (1980), utiliza-se da argumentação de que nesse diálogo imemorial entre o homem e seus deuses ancestrais, elas apresentam diferentes formas de crer, de revelar ou, de representar o mundo próximo e a memória remota. Enquanto a máscara estiver em uso, enquanto o personagem prevalecer, impõe-se as intenções que são próprias da ação do Deus, do antepassado, que a máscara significa. Na visão do *Tata Katuwanjesi*, presidente do Instituto Latino Americano de Tradições Afro Banto - ILABANTU, não podemos deixar de mencionar seu papel principal que é o de esconder o rosto dos *Akisi* (plural de *Mukisi*), nossas divindades, já que suas aparências são de espírito e não humanas. Em algumas casas de Candomblé da Nação Ambundo, quando recolhidos para iniciação, cada *mona mukisi*, ou seja, cada filho de santo aprenderá confeccionar seus fios de conta, e o *Mukangê* (máscara da entidade), assim como, todo material usado seguindo uma tradição artesanal, na utilização de palhas, sementes, conchas, tecidos de forma natural, no sentido de voltar à África como traço de ancestralidade e tradição. Porém, cabe aqui destacar que nem toda casa de linguagem banta faz uso de máscaras em suas divindades.

A hierarquia do Candomblé na Nação Ambundo, segundo Adolfo (2010) é a seguinte: *Tata ndia Mukisi* - Pai de santo. *Mam'etu ndia Mukisi* - Mãe de santa. *Mam'etu* ou *Tateto Ndenge* – Mãe pequena, pai pequeno. *Mam'etu Kusasa* – Mãe criadeira, Pai criador. *Kissikarangombe*, *Kanbondu* - auxiliares do pai e mãe de santo. *Tata Kambui* - Chefe dos tocadores de Atabaques. *Mona mukisi muhatu* – filha de santo. *Mona mukisi diala* – filho de santo. *Tata Poko* - encarregado dos sacrifícios de animais Mão de faca. *Tata Kinsaba* – Encarregado de colher as respectivas folhas sagradas para os diferentes rituais. *Makotas* (carga feminino): *Makota rifula* - responsável pela cozinha do santo. *Kota* – Filhos e filhas de santo com mais de sete anos de iniciados. *Muzenza*- filhos(as) de santo com menos de sete anos de iniciados. *Ndumbi*– filhos (as) ainda não iniciados. Obs: *Kissikarangombe* e *Makota* não incorporam a divindade, para tais cargos são escolhidos pelo santo dono da casa.

Considerações finais

Através deste trabalho, foi possível descortinar alguns pontos importantes sobre o povo, introduzido no Brasil, desde o século XVI até os meados do século XIX, cujo papel foi preponderante na formação da Nação e na construção da nossa língua, mas, que teve a sua história relegada à obscuridade. Entretanto, esse mesmo povo encontrou em sua crença, uma das principais formas de resistência, para atravessar essa secular barreira de invisibilidade, conseguindo dessa forma chegar até aos dias atuais.

Tomou-se conhecimento da grande concentração e permanência dos ambundos, envolvidos no trabalho escravo, nas lavouras e em outros serviços nessa região. Conheceu-se a sua identidade mediante a: sua língua, sua religiosidade e o panteão teosófico das suas divindades e ancestralidades, e um pouco da sua arte plástica. Buscou-se incentivar o diálogo entre a oralidade e a academia no sentido de reforçar o interesse por novas pesquisas específicas. Espera-se que com a construção dessa via de mão dupla, possa-se pensar em mecanismos direcionados a instrumentalização, capacitação e formação de professores na temática banta, implementando dessa forma, a Lei. 10.639/2003/PR que obriga o ensino da história do negro na África e no Brasil, no ensino brasileiro.

Nota

Primeiro parágrafo da Introdução – A respeito do uso da palavra *Bantu*, pela primeira vez, segundo Silva, (2006, p. 209) foi em 1862, por W.H.I. Bleek, para designar as numerosíssimas falas aparentadas. Em Quimbundo *ba* significa muito e *ntu* pessoa, o que na verdade, quer dizer muitas pessoas, no sentido amplo da frase, falando mais de 300 línguas aparentadas, pertencentes ao mesmo tronco linguístico chamado *proto-bantu*. Situando melhor, *faladas* pelos povos da África Centro Ocidental.

Referências

ADOLFO, Paulo Sérgio. *Nkissi Tata dia Nguzu: estudos sobre o candomblé CongoAngola*. Editora da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ÂNGELO, A. *O Povo Bantu, Mitos e deuses africanos de Angola: as influências culturais e religiosas Brasil/Angola*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Sub-reitoria de Extensão e Cultura (SR-3), departamento de Extensão, PROEPER, CCS, 2013.

BLEEK, Wilhelm Heinrich Immanuel. *Gramática Comparativa de Línguas Sul-africanas*. Londres, Trübner & Co. (1862: Part I; 1869: Part II).

CARISE, I. *Máscaras Africanas*. São Paulo: Madras, 1998.

FIGUEIREDO, Maria Aparecida de *Gênese e (re)produção do espaço da baixada fluminense* Revista geo-paisagem (online), ano 3, nº. 5, Janeiro/Junho de 2004. ISSN Nº 1677 – 650X. Revista anexada ao Latindex.

HAMA, M. Boubou; KI-ZERBO, J. *Tempo mítico e tempo histórico na África*. Correio da UNESCO ns. 10-11, ano 7, 1979.

MAIA, Pe, Antônio da Silva. *Dicionário complementar Português – Kimbundu – Kikongo (Línguas nativas do centro e norte de Angola)* Cucujães. Ed. editorial Missões. 1994.

MOTT, Luiz. *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calunduln*: Laura de Mello e Souza (org). *História da vida privada no Brasil* São Paulo: Companhia das Letras, 1997, vol.1.

PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo, EDUSP, 1999.

RAMOS, Arthur. *O Negro Brasileiro*, 1ª. Ed. RJ, Biblioteca de Divulgação. Setembro de 1934.

RIBAS, Oscar, *Ilundo*–1958.

SILVA, Alberto da Costa e. 3.ed. *A Enxada e a lança: A África antes dos portugueses* Rio de Janeiro. Nova fronteira, 2006.

Quadros

Quadro 1 - Nações e Línguas faladas em Angola, além do Português.

NAÇÃO	LÍNGUA
BAKONGO	KIKONGO
DONGA	XINDONGA
GANGELA	TCHIGANGELA
HERERO	TCHIERERO
LUNDA - TCHOKWE	TUTCHOKWE
MBUNDU ou AMBUNDU	KIMBUNDU
NHANEKA-HUMBE	LUNHANEKA
OVAMBO	AMBO
OVIMBUNDU	UMBUNDU

Fonte: SILVA (2006).

Quadro 2 . Prefixo nominal

Prefixo nominal	Singular	Plural	Exemplo
1ª classe	mu	a	Mutu/atu/pessoa (s)
2ª classe	mu	mi	Mutue/mitue/cabeças (s)
3ª classe	ki	i	Kima/Ima/coisa (s)
4ª classe	ri	ma	Ritari/matari/pedra (s)
5ª classe	u	mau	Uta/mauta/arma(s)
6ª classe	lu	malu	Lumbu/malumbu/arma(s)
7ª classe	tu	matu	Tubia/matubia/fogo(s)
8ª classe	ku	maku	Kuria/makuria/comida(s)
9ª classe	i	ji	Mbji/jimbiji/peixe(s)
10ª classe	ka	tu	Kamona/tuana/criança(s)

Fonte: (Maia, 1961, p. 13).

Quadro 3 - Prefixo concordante.

Prefixo concordante	Singular	Plural
1ª classe	u	a
2ª classe	u	i
3ª classe	ki	i
4ª classe	Ri (di)	<u>Ma</u> ou <u>a</u>
5ª classe	u	<u>Ma</u> ou <u>a</u>
6ª classe	lu	<u>Ma</u> ou <u>a</u>
7ª classe	tu	<u>Ma</u> ou <u>a</u>
8ª classe	ku	<u>Ma</u> ou <u>a</u>
9ª classe	i	ji
10ª classe	ka	tua

(MAIA, 1961, p. 13).

Quadro 4 - Partícula possessiva.

Partícula possessiva	Singular	Plural
1ª classe	ua	a
2ª classe	ua	la
3ª classe	<u>ki</u> a	<u>ia</u>
4ª classe	Ria (dia)	ma
5ª classe	ua	ma
6ª classe	lua	ma
7ª classe	tua	ma
8ª classe	kua	ma
9ª classe	ia	Jia (já)
10ª classe	ka	tua

Fonte: MAIA, 1961, p.13